ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA
Separata do «Boletim da Academia». Nova Série — VOL. II

O DR. FRANZ HÜMMERICH

E

Os seus estudos sobre a primeira viagem de Vasco da Gama à India e o respectivo roteiro

PELO

Dr. JOSÉ MARIA RODRIGUES
Sócio efectivo da Academia das Sciências
de Lisboa

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1931

ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA
Separata do «Boletim da Academia». Nova Série — VOL. II

O DR. FRANZ HÜMMERICH

E

Os seus estudos sobre a primeira viagem de Vasco da Gama à India e o respectivo roteiro

PELO

Dr. JOSÉ MARIA RODRIGUES
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1931

O DR. FRANZ HÜMMERICH E OS SEUS ESTUDOS SOBRE A PRIMEIRA VIAGEM DE VASCO DA GAMA À ÍNDIA E O RESPECTIVO ROTEIRO

Em 5 de Setembro do ano corrente faleceu em Munich o Dr. Franz Hümmerich, sócio correspondente estrangeiro da nossa Academia. Era um amigo de Portugal e dessa amizade nos deixou provas em mais de um dos seus livros respeitantes à época mais brilhante dos nossos descobrimentos. Em um dêles diz, por exemplo, o seguinte: «No ano do Centenário da Índia publiquei a minha obra sôbre *Vasco da Gama e o descobrimento do caminho marítimo da Índia*. Era uma contribuïção modesta para a celebração desta data e ao mesmo tempo a expressão das gratas recordações que me deixou o ano que vivi sob o belo sol de Portugal (1893-1894). Já são decorridas umas três dezenas de anos, mas as impressões que então recebi, fortalecidas pela intensa receptividade dos anos juvenis e pela trasbordante alegria da natureza e da vida, do presente e do passado, essas impressões ainda se não apagaram; o colorido das minhas recordações tornou-se, pelo contrário, mais vivo e mais luminoso; e apesar de tudo o que se meteu de permeio, a minha afeição pelo povo português e pelo seu país continua a ser a mesma. O ano que aí passei em casa do ministro da Alemanha, conde de Bray-Steinburg, vivendo ora em

Lisboa, ora à beira-mar, no Estoril; as deliciosas excursões e viagens, pelo formoso país; a visita aos seus tão sugestivos monumentos históricos, vieram dar uma direcção decisiva aos meus estudos scientíficos. As capelas sepulcrais de Alcobaça e da Batalha, onde jazem reis e membros da família real; o convento de Cristo em Tomar; a igreja e o claustro de Belém e tantas outras coisas belas, que nunca mais esquecem, ficaram-me ao mesmo tempo servindo de bem expressivo pano de fundo para a figuração dos feitos históricos — heroismos e dores — de que nos dão notícia os cronistas dos séculos XV e XVI. À vista do mar, que, ora sereno, ora agitado, sob nuvens negras de tempestade ou reflectindo o azul do céu, actuava sempre com o mesmo poder para me elevar a alma, cresceu o sentimento de admiração pelo simples e tenaz heroismo dos navegadores e dos que íam a descobrir além-mar, pela tão gloriosa história da época heroica de Portugal. E posteriormente, o estudo desta época, constituindo para mim um dos melhores e mais puros prazeres mentais, ajudou-me a atravessar tantas horas escuras e difíceis em dias do mais profundo sofrimento pessoal e nacional» [1].

Quem assim se exprime tem direito ao nosso reconhecimento e uma das maneiras de o manifestar consiste precisamente em estudarmos as publicações em que o Dr. Hümmerich se ocupou de assuntos que, directa ou indirectamente, nos dizem respeito. Conheço quatro dessas publicações [2], de duas das quais, pela especial importância que têm para nós, me vou ocupar com algum desenvolvimento.

---

[1] *Studien zum «Roteiro» der Entdeckunsgfahrt Vascos da Gama*, I, 3-4. Coimbra, 1923.

[2] No prefácio do *Vasco da Gama*, p. 11, refere-se o autor a assuntos de que se tinha ocupado no *Programm des Königl. Maxi-*

I

Vasco da Gama und die Entdeckung des Seewegs nach Ostindien. Munich, 1898.

1. — Divide-se esta obra em duas partes: *a*) Vida e viagens do Gama [1]; *b*) Apêndices. A história da primeira viagem é baseada no *Roteiro* (traduzido para alemão em um dos apêndices) [2] e nas obras de Castanheda,

---

milians-Gymnasium zü München de 1897 e que são os que no mesmo livro se acham subordinados às letras A, B e C do primeiro apêndice: *A narrativa de Gaspar Correia; Gaspar Correia e as informações de João Figueira; As duas fontes mais antigas para a história da viagem do descobrimento do caminho marítimo da Índia: o Roteiro e La navigatione prima scrita per un gentiluomo Fiorentino*, publicada nas *Navigationi* de Ramusio. As outras duas obras do Dr. Hümmerich ocupam-se da primeira expedição comercial que os alemães fizeram à Índia, para onde partiram em 1505, na companhia de D. Francisco de Almeida, e intitulam-se: *a*) *Quellen und Untersuchungen zur Fahr der ersten Deutschen nach dem portugiesischen Indien* 1505-6, München, 1918 (é uma memória publicada pela Academia das Sciências de Munich); *b*) *Die erste deutsche Handelsfahrt nach Indien 1505-06*. É o vol. 49 da *Historische Bibliothek*, publicado em 1922. Apesar da natureza especial do assunto, são trabalhos de grande interêsse para nós. O segundo merecia ser traduzido em português.

[1] Indo além do que o título promete, o *Vasco da Gama* ocupa-se ainda dos descobrimentos marítimos dos portuguêses que precederam a primeira viagem do Gama; da biografia deste, antes e depois dessa viagem, e do estabelecimento do domínio português na Índia.

[2] Na introdução (p. 11) conta o autor que andou meses em Lisboa atrás de um exemplar do *Roteiro*, cujas edições (1838 e 1861) se achavam ambas esgotadas. E acrescenta que nas bibliotecas da Alemanha é raro encontrar esta obra. Infelizmente o Dr. Luciano Pereira da Silva faleceu sem poder publicar a 3.ª edição, que trazia entre mãos.

Barros, Gois, D. Jerónimo Osório e Maffei (*Historiae Indicae,* Florença, 1588), estes dois últimos autores dependentes, o primeiro, quási sempre, de Gois, e o segundo de Barros.

Henrique Stanley (depois Lord Stanley of Alderley), no seu livro *The three voyages of Vasco da Gama,* publicado em 1869 pela Hakluyt Society, tomou para base da sua narrativa as *Lendas da India* de Gaspar Correia; mas pelo que toca à primeira viagem de Vasco da Gama (e esta é a que agora nos interessa), os respectivos capítulos das *Lendas,* afirma o Dr. Hümmerich, estão repletos de graves inexactidões, a começar pela data da partida (25 de Março nas *Lendas* e 8 de Julho no *Roteiro*).

2. — E daqui resulta um facto, bem pouco lisongeiro para nós, que o Dr. Hümmerich conta nestes termos: «Quem comparar uma com a outra as duas exposições da primeira viagem de Vasco da Gama, contidas, uma na *Geschichte des Zeitalters der Entdeckungen* de Oscar Peschel, e outra na obra do mesmo título de Sophus Ruge [1], notará que quási nenhum dos acontecimentos de tôda a viagem é narrado nas duas obras por uma forma inteiramente concordante. E todavia ambos os autores se baseiam em fontes portuguesas do século XVI. Peschel serviu-se de quatro: Barros, Gois, Castanheda e o *Roteiro;* Ruge, pelo contrário, apoia-se essencialmente na obra de H. Stanley, que reproduz Gaspar Correia» (p. 109).

Quer dizer: por nossa culpa, a narrativa de um feito cuja realização nos dá jus a um capítulo de suma importância na história da humanidade, anda tão deformada nas fontes portuguesas que foi possível o caso referido pelo Dr. Hümmerich.

---

[1] A *História* de Ruge faz parte da colecção Onken, bem conhecida entre nós.

Em vez de apurarmos o valor das fontes, de mostrar qual ou quais eram dignas de crédito, qual ou quais deviam ser postas de parte, facilitando assim o trabalho aos historiadores estrangeiros, procedemos como vai ver-se.

3. — Em a notícia que antecede o primeiro volume das *Lendas*, publicadas de ordem da Classe de Letras da Academia das Sciências e sob a direcção de Lima Felner, observa êste académico a respeito do valor histórico da obra: «É preciso não dissimular que se encontram nela alguns erros cronológicos; algumas opiniões singulares, que não poderão ser admitidas senão depois de maduro exame e uma propensão para o romanesco e maravilhoso,... incompatíveis com a gravidade da história. Como espécimen de êrros ou opiniões singulares, veja-se o que escreveu da viagem de Bartolomeu Dias, da qual nas *Lendas* se atribui tôda a honra a João Infante; da invenção e uso dos instrumentos náuticos e do emprêgo das espingardas e outras armas de fôgo portáteis. Como prova de que não desamou o maravilhoso e romanesco, aí temos o episódio do fabuloso filho de Duarte Pacheco... Mas, com êste mesmo parto de imaginação romântica, justificou plenamente Gaspar Correia que não sabia mentir, acompanhando-o de circunstâncias tão destituídas de verosimilhança, que logo descobrem, ainda aos menos lidos na história e genealogias, não ser o novo Aquiles português mais de um mito ou ente fantástico. Estes pecados veniais não podem contudo deslustrar a Gaspar Correia ou suscitar dúvidas contra a sua boa fé e pura verdade com que refere o que viu e ouviu. Se por tão pouco fôssemos invalidar o seu testemunho naquilo em que se lhe deve dar inteiro crédito, devêramos igualmente regeitar, atropelando as regras da hermenêutica, o testemunho da maior parte dos escritores da antigüidade e de boa porção dos modernos» (T. I, p. 1.ª, pág. XXIX-XXX).

Pecado venial não mencionar sequer o nome de Bartolomeu Dias, a propósito da tentativa feita para descobrir o Cabo da Boa-Esperança! Pecado venial afirmar que D. João 2.º confiou a emprêsa ao «tratante estrangeiro» [1] Janinfante, mas que êste se viu forçado, pelos grandes temporais, a voltar para trás, partindo Vasco da Gama para a India, sem que o Cabo tivesse ainda sido dobrado! Pecado venial falsear a verdade, em uma obra com pretenções a histórica, e fazê-lo por tal forma que a todos sejam patentes as flagrantes inexactidões!

4. — E o resultado foi que, não havendo, segundo o testemunho do académico citado, senão pecados veniais nas *Lendas da India*, o inglês Henry Stanley as tomou para guia da sua obra: «from the *Lendas da India* of Gaspar Correia», esclarece êle no próprio título. Emfim, era uma obra «printed by the Academy of Lisboa» (*Introduction*, p. I). E a p. VI: «São as seguintes as razões por que, na minha opinião, a narrativa de Correia deve ser preferida às outras. Primeiramente, Correia chegou à Índia primeiro que qualquer dos outros escritores e foi o único que se serviu do *Diário* do padre João Figueira [2]. Castanheda, que para lá partiu em 1528,

---

[1] Palavras de João de Barros (D. 1, 3, 4): «A capitania da qual viagem (D. João 2.º) deu a Bartolomeu Dias, cavaleiro de sua casa... E João Infante, outro cavaleiro, era capitão do segundo navio».

[2] Segundo Correia (*Lendas*, t. 1.º, 1.ª parte, cap. 21), era um padre que foi com Vasco da Gama e escreveu uma notícia da viagem, de que depois êle Correia obteve uma cópia, «já feita em pedaços e rôta por partes». Parece que é o «degredado» do T. 3.º, p. 8. E não será o padre Figueira, com o seu *diário*, uma *lenda* de Gaspar Correia, como o é, por exemplo, o mítico Davane, o suposto corrector mouro, aprisionado no mar antes da chegada a Moçambique (T. 1.º, p. 1.ª, cap. X), e que tantos serviços prestaria a Vasco da Gama? Sôbre a pretensa conspiração contra Vasco da Gama (T. 1, p. 1.ª, c. 8) veja-se Dr. Luciano Pereira da Silva, *O Roteiro*

é o único que, sob êste aspecto, compete com êle. Damião de Gois não visitou a Índia. Osório vai buscar quási tudo a Barros e êste escreveu muito tarde. Em segundo lugar, as razões aduzidas por Correia para que a sua obra saísse póstuma e o religioso respeito que êle professa pela verdade devem assegurar-lhe um amplo direito à credibilidade. Em terceiro lugar, em muitos dos pontos em que há discordância com as outras crónicas, a narrativa de Correia conforma-se melhor com a natureza humana e com a probabilidade... Quando há opiniões divergentes, a edição de Lisboa não discute as que devem ser preferidas. O prólogo limita-se a observar que a obra de Correia contém alguns erros cronológicos e contesta o que êle diz sôbre a invenção dos instrumentos náuticos e sôbre o uso das armas de fogo portáteis. E acrescenta que «these venial faults ought not diminish the lustre of Gaspar Correia, nor raise doubts as to his good faith etc.». E aproveitada esta confissão do editor português, H. Stanley procura defender as *Lendas* de algumas das arguições que aquêle lhes faz. Assim, por exemplo, pelo que toca a Bartolomeu Dias, «a geografia, diz êle, defende Correia, pois o nome do Rio do Infante, têrmo da viagem em que João Infante e Bartolomeu Dias dobraram o Cabo da Boa Esperança, mostra que Correia não exagerou o papel que João Infante desempenhou nesta viagem» (p. VII). Sim, mas para as *Lendas* o nome de Bartolomeu Dias não aparece para nada, sendo êle o chefe da expedição, e João Infante, segundo elas, nem sequer chegou ao Cabo, quanto mais ao rio que dêle tomou o nome [1].

---

da primeira viagem de Vasco da Gama e a suposta conjuração. Coimbra, 1925.

[1] Nêste ponto, a desculpa do autor das *Lendas* poderia buscar-se no sigilo dos descobrimentos, que D. João 2.º impôs com todo o rigor. Mas, nêste caso, em vez de confessar a sua ignorância, Gaspar

5. — O Dr. Hümmerich aprecia larga e vitoriosamente os argumentos de Stanley; e mostra que, pela oposição entre as *Lendas* e outras fontes dignas de crédito, ou o *Diário* do padre Figueira, seguido por Gaspar Correia, se afastava da verdade, ou êste se não guiou por aquela fonte. Em qualquer dos casos, não merecem crédito as *Lendas*.

Um exemplo. Contra o que se contém nas outras fontes, Correia diz-nos que Vasco da Gama, ao saír da Índia, parou em Cananor, cujo rei o acolheu optimamente e lhe mandou completar a carga. Assentaram, àlém disso, «paz e trato», com a promessa de que, se os portugueses voltassem à Índia, ali iriam ter (cap. XVIII).

E foi o que, segundo as *Lendas*, fez Cabral em 1500, passando-se então o que consta de dois longos capítulos (p. 167 a 183).

Ora um piloto que foi para a Índia na armada de 1500 deixou-nos uma interessantíssima narrativa de tôda a viagem, que foi logo traduzida para italiano, para alemão e para latim [1] e que a nossa Academia das Sciências publicou, retraduzida do italiano, na *Colecção de notícias para a história e geografia das nações ultramarinas*, t. II, sob o título de *Navegação do capitão Pedro Álvares Cabral escrita por um piloto português*.

Pois nesta relação, escrita e publicada antes de Gaspar Correia ir para a Índia, se lê, como nas fontes poste-

---

Correia meteu-se a adivinhar, induzido por algum rumor. O que é certo é que em 1561, data em que Correia escreveu o cap. VIII do T. 2, p. 1.ª (cf. pag. 265), já não era lícito ignorar o que se tinha passado com o descobrimento do Cabo. Cf. Castanheda, L. 1.º, cap. 1.º; Barros, D. I, l. 3, c. 3, obras publicadas, respectivamente, em 1551 (e 1554) e 1552.

[1] O Dr. Hümmerich cita (p. 121) os *Paesi novamente retrovati* (Vicenza, 1507); os *Unbekannthe Landte* de Ruchamer (Nurenberg, 1508) e o *Novus Orbis* de Grynaeus, 1532.

riores, que Álvares Cabral se dirigiu de Melinde a Angediva e daqui seguiu directamente para Calecut (cap. VII), sem se fazer a menor referência a Cananor, que aliás ficava no caminho para aquela cidade [1].

Foi só à volta que os portugueses se detiveram em Cananor, «cujo rei lhes fêz grandes ofertas e mandou logo dar a canela que lhes faltava para completar a carga».

Que fez Gaspar Correia? Atribuíu à primeira viagem factos que só se verificaram na segunda, na de Cabral. E não contente com isto, também inclui na suposta estada de Vasco da Gama em Cananor casos que, segundo refere Tomé Lopes [2], ali se deram com êle na segunda viagem (pág. 121-122) [3].

Em resumo: As *Lendas da India* não podem considerar-se como fonte para a história das viagens do Gama. E o livro de Stanley, «tomando-as como base para as três viagens, não sendo por assim dizer, mais que uma tradução livre e comentada dos respectivos capítulos daquela obra, deve considerar-se como tendo falhado no seu conjunto» (p. IX). Tal é a conclusão do Dr. Hümmerich.

6. — Mas as *Lendas* não têm em seu favor só a opinião de Lima Felner e de H. Stanley. Vejamos também como as apreciou A. Herculano, na *Advertência* da

---

[1] Nos *Studien zum Roteiro*, 111, 96, o Dr. Hümmerich cita também as instruções que levava Cabral (cf. *Alguns documentos da Tôrre do Tombo*, p. 97–109), que o mandavam dirigir-se a Angediva e daqui directamente a Calecut.

[2] *Navegação às Indias Orientais*, cap. 24, na citada *Colecção de notícias*, t. II.

[3] Caso análogo é o que acontece com a história de João Machado, que Vasco da Gama, segundo as *Lendas* deixou ficar em Moçambique (T. I, pág. 42), mas que sabemos ter ido com Cabral, que o deixou em Melinde (Barros, D. I, 5, 4; Castanheda, l. I, cap. 33. Cf. *Navegação de Cabral*, na citada *Colecção de notícias*, II, c. 5.

2.ª edição do *Roteiro* (1861): «A publicação das *Lendas da Índia* de Gaspar Correia, empreendida pela Academia, veio, digamos assim, aumentar a valia do *Roteiro da viagem de Vasco da Gama*. As *Lendas*, inferiores pela forma às *Décadas* de Barros, e até, se quiserem, à rude *História* de Castanheda, são, quanto à substância, muito superiores àquelas, e ainda à humilde, mas evidentemente sincera narrativa de Castanheda. Á maior autoridade de um homem que tinha intervindo em grande parte dos sucessos que narra, e que estivera colocado por muito tempo numa situação vantajosa para apreciar bem os acontecimentos da Índia [1], associa-se no livro de Correia a candura que transparece nos seus períodos singelos, uma pontualidade e naturalidade em descrever os factos, que inspiram confiança no mais subido grau. Em relação à viagem do descobrimento, como em relação a tantos outros pontos da nossa história da Índia, as *Lendas* levam decisiva vantagem ao que escreveram Barros e Castanheda. A vida íntima dos homens que empreenderam e levaram a cabo aquela arriscadíssima emprêsa, as fases morais, as peripécias da expedição, a luta das paixões humanas no resumido teatro de três navios, tudo se desenha com vivas cores e firmes contornos na relação de Gaspar Correia. Mas os factos externos, por assim nos exprimirmos, da expedição são aí muitas vezes flutuantes, omissos e indecisos. É o *Roteiro* que completa o trabalho do cronista, e que, com êle, torna hoje perfeitamente conhecido em tôdas as suas circunstâncias um dos principais assuntos da história das nações modernas» (p. IX-X) [2].

---

[1] Alusão ao facto de Correia ter sido secretário de Afonso de Albuquerque. «Eu Gaspar Correia o servi três anos de seu escrivão» (T. I, parte 1.ª, p. 134). Felner interpreta por amanuense.

[2] O Dr. Hümmerich explica a opinião de Herculano, dizendo

Pelo que fica dito, se vê que a fórmula não é: *Lendas* e *Roteiro*, mas: ou *Lendas* ou *Roteiro*. Se os acontecimentos da viagem, na sua quási totalidade, se passaram como os conta o *Roteiro*, não se podiam ter dado como os expõem as *Lendas*. Vasco da Gama, por exemplo, se partiu de Belém a 25 de Março, não saíu em 8 de julho e ou esteve ou não esteve em Cananor. E a prova é que até agora ninguém tentou nem nunca tentará o sincretismo das duas narrativas. Não o procurou fazer o próprio Stanley, que, embora conhecesse o *Roteiro* (ed. de 1861), como se vê pelo primeiro documento transcrito na *Apêndice*, o ignora no texto da obra. Nem sequer o cita para o contestar. E contudo é o depoimento de uma testemunha presencial.

7. — Deve dizer-se que a Hakluyt Society, depois de ter publicado em 1869 as *Three voyages* de Stanley, editou o *Roteiro* em 1898, sob o título *A Journal of the first voyage of Vasco da Gama (1497-1499). Translated and edited, with Notes, an Introduction and Appendices, by E. G. Ravenstein.*

Relativamente às *Lendas* de Gaspar Correia, o erudito tradutor e anotador *Roteiro* declara que não vê nelas senão «uma embrulhada *(a jumble)* de verdade e de ficção, embora o autor pretenda ter feito uso do *Diário* do padre Figueira, que diz ter ido com Vasco da Gama» (p. XX-XXI). E em nota: «Assim Correia diz com exactidão que Vasco da Gama dobrou o Cabo em novembro, isto é, em pleno verão, mas introduz circunstâncias accessórias, talvez tomadas da narrativa de outra viagem (a de Cabral, por exemplo), que só no meio do inverno

---

que êle se achava então ocupado com assuntos de maior importância e que porisso se limitou a observar de fugida, e com fundamento, que a narrativa de Correia é confusa na exposição dos factos (p. x).

se podiam ter verificado». E remete para a pág. 193, onde resume Correia, segundo o qual Vasco da Gama tomou o rumo da terra ainda ao norte do Cabo, e depois se afastou outra vez para o mar largo, por onde navegou [1] durante um mês, não havendo durante o dia senão 6 escassas horas de sol, e tendo-lhe falhado outra tentativa para atingir a extremidade meridional do continente africano, navegou ainda mais dois meses para o sul, até que, tendo voltado para o norte, se achou com o Cabo dobrado. E Ravenstein comenta: «É evidente o enorme absurdo desta narrativa e é uma surprêsa que êle tinha sido aceite por historiadores sérios. O dia só podia ter seis horas na latitude de 58° 30°, no meio do inverno, isto é, em junho, e nunca durante o verão do hemisfério do sul. Em novembro a duração da luz do dia nesta latitude é de umas dezasseis horas... Demais a mais, teria sido impossível atingir aquela latitude sem ir parar ao meio de massas flutuantes de gêlo, que deixariam em Vasco da Gama uma impressão mais estranha e mais própria para ser recordada do que a do «mar temeroso» e do «poderoso vento».

---

[1] «Parecendo-lhe que já podiam dobrar (o Cabo), tornaram na volta da terra, até tornarem haver vista da costa, muito mais àvante do que chegaram as caravelas (de Janinfante).... Fizeram volta ao mar... e andaram tanto contra o sul, que quási não havia no dia sol de seis horas... E passando um mês que corriam nesta volta, fizeram volta à terra; ... mas, quando a tornaram a ver, foram muito tristes .. (Vasco da Gama) mandou fazer volta ao mar... E, por os dias serem muito pequenos, sempre parecia noute... E quasi havia dous meses que iam naquela volta ... Vasco da Gama, parecendo-lhe já tempo, mandou fazer outra volta... E conheceram que tinham dobrado o Cabo» (T. I, p. 1.ª, cap. VII). E no cap. VIII, na costa de sudeste: «Assi navegando, lhe foi acalmando o vento, ... o que foi em novembro». Segundo o *Roteiro*, Vasco da Gama dobrou o Cabo a 22 de novembro, passando-lhe à vista, com vento à pôpa.

8. — O último apêndice da obra do Dr. Hümmerich é constituído pela publicação integral da carta em que Mateo di Begnino, feitor do estante italiano Afaitato, dá conta a êste da sua viagem à Índia, para onde partiu com Estêvão da Gama, em 1502. É principalmente um relatório de carácter comercial, como *a priori* se pode supor, mas nos primeiros períodos, já dados à luz, em 1893, na *Raccolta di Documenti e Studi pubblicati dalla R. Commissione Columbiana*, parte III, vol. II, p. 122, se encontra a notícia do descobrimento de uma ilha, que ainda ninguém tinha visto, a cem léguas do sítio onde Cabral havia desembarcado em 1500. É a ilha da Trindade, que nos fins do século passado (1896) ia dando origem a um grave desacôrdo entre o Brasil e a Inglaterra, mas que felizmente se resolveu pelos bons ofícios do govêrno português [1]. Se aquêle passo já fôsse nosso conhecido, nem o Brasil alegaria, sem provas, que a ilha da Trindade fôra descoberta por Tristão da Cunha [2], nem tampouco o govêrno português daria como assente que foi João da Nova quem primeiro a avistou [3].

---

[1] Veja-se a correspondência diplomática publicada no *Diário do Govêrno*, n.º 189, de 25 de julho de 1896.

[2] Encontro a notícia desta alegação na *Enciclopédia Britânica*, 9.ª edição (volumes novos), verbo *Trinidad*.

Tristão da Cunha partiu para a India em 1506 e descobriu nesta viagem a ilha designada pelo seu nome.

[3] «Desde que a ilha da Trindade foi em princípios do século XVI descoberta por João da Nova», é assim que começa um ofício do nosso Ministério dos Negócios Estrangeiros, datado de 20 de julho de 1896. Veja-se o *Diário do Govêrno* citado. Ora o que sabemos é que a ilha descoberta por João da Nova, em 1501, ficava a 8º para o sul da linha, ao passo que a ilha da Trindade tem a latitude muito mais elevada de 20º. Quer dizer: a ilha a que João da Nova pôs o nome de Conceição é a Ascensão, assim chamada depois de Afonso de Albuquerque ter por lá passado em 1503. O govêrno inglês, como desejava achar uma saída airosa para o dissídio, não

O texto publicado na *Raccolta* dá como autor da carta a um *Matteo di Bergamo*, mas o director do Arquivo de São Marcos informou o Dr. Hümmerich de que a verdadeira lição é *Matteo di Begnino* e de que há dois textos da carta: o que parece ser o rascunho, e a redacção definitiva. Mas em ambos se dá como avistada em 18 de maio de 1502 a ilha que depois se chamou da Trindade. Nos *Studien* o Dr. Hümmerich deu a preferência à leitura *Bergamo* (III, 110, etc.). Mas cf. a nota a II, 38, onde escapou «di Begnino», o que faz supôr que a emenda foi introduzida nas provas.

II

Studien zum «Roteiro» der Entdeckungsfahrt Vascos da Gama (1497-1499). Coimbra, 1923-1924 [1].

Compõe-se esta obra de três fascículos: 1) Estudo sôbre o vocabulário anexo ao *Roteiro*, sob a epígrafe *Esta he a linguagem de Calecut;* 2) Gaspar da Índia e o anexo geográfico-comercial do *Roteiro;* 3) O autor e a autenticidade do *Roteiro.* ¿O *Roteiro* ou a narrativa do descobrimento contido nas *Lendas da Índia?*

1. — No primeiro fascículo, o Dr. Hümmerich reproduz pela fotografia o vocabulário do manuscrito do *Roteiro*, existente, em cópia, na Biblioteca pública do Pôrto, e estuda-o minuciosamente com o auxílio de autoridades competentes. As palavras pertencem ao malaiālam, lín-

pôs embargos aos conhecimentos geográficos das duas chancelarias. Naturalmente tinha conhecimento do texto publicado anos antes na *Raccolta* e havia colocado a questão no campo do «abandono definitivo e real», mas, por motivos de outra ordem, aceitou como boa a razão do descobrimento por João da Nova. Pode dizer-se que foi o patriotismo dos Brasileiros quem venceu o litígio.

[1] Separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. x.

gua da família dravidiana, falada no Malabar, e parece terem sido coligidas por meio de gestos e pela convivência com os moradores de Calecut.

2. — O segundo fascículo mostra que «o homem que sabia a nossa fala e havia trinta anos que viera de Alexandria» à Índia, é Gaspar da Gama, chamado também Gaspar da Índia, o judeu, filho de pais polacos, que tinha abraçado o maometismo e estava ao serviço do senhor de Gôa, quando foi espiar os portugueses em Anjediva. Preso e trazido para Portugal, fez-se cristão e prestou depois importantes serviços com os seus conhecimentos geográficos e comerciais, que foram aproveitados tanto pelos portugueses no Oriente, como pelo famoso geógrafo Waldseemüller, a cujas mãos chegou, remetida por D. Manuel ao duque da Lorena, a *Relatio Casparis Judaei Indici*, que serviu de base à carta marítima publicada por aquêle geógrafo em 1516. A leitura do trabalho do Dr. Hümmerich, tão minucioso a respeito do activo e instruído aventureiro que Vasco da Gama trouxe do Oriente, é indispensável para quem queira decifrar os nomes geográficos, que por vezes nos parecem tão estranhos, do respectivo apêndice do *Roteiro*.

3. — Em 1880 publicou Frederico Dinís Ayala um opúsculo intitulado: *Vasco da Gama. Quando partiu?*, no qual, a propósito da questão relativa à data em que devia celebrar-se o 4.º centenário do descobrimento do caminho marítimo da Índia, se discutem as datas em que Vasco da Gama partiu de Lisboa, chegou à Índia e levantou ferro de Calecut. O autor do opúsculo regeita, quanto aos dois primeiros pontos, as que se encontram no *Roteiro*, e prefere para todos aquêles acontecimentos as que são ministradas pelas *Lendas*.

E a êste propósito, Ayala discute o valôr histórico do *Roteiro*, que não considera «fonte autêntica, nem genuína, nem verdadeira»; mas «é talvez um opúsculo do sé-

culo XVII, tão fértil em imitações»; e «tudo leva a crer que é mais segura a cronologia de Gaspar Correia». E para fundamentar estas teses recorre o autor do opúsculo a tôda a espécie de argumentos, alguns dos quais só se podem explicar pelo desejo de amontoar provas, sem olhar ao valor delas.

O Dr. Hümmerich aprecia longamente e com tôda a proficiência a argumentação de Ayala, em capítulos subordinados aos seguintes títulos: 1) Evolução do problema da crítica das fontes; 2) As presunções a respeito do autor do *Roteiro;* 3) O autor do *Roteiro* foi o informador de Valentim Fernandes? 4) A autenticidade do *Roteiro* 5) ¿O *Roteiro* ou a narrativa contida nas *Lendas da India?* [1].

Na impossibilidade de apreciar aqui as respostas que o Dr. Hümmerich opõe a todos, ou mesmo à maioria, dos argumentos de Ayala contra o valôr histórico do *Roteiro*, limitar-me hei a um caso típico, que não deixa de impressionar o leitor desprevenido do opúsculo publicado em 1888. Informa o *Roteiro:* «Á terça feira, que foram vinte e quatro do dito mês (de abril), nos partimos daqui (de Melinde), com o piloto que nos el-rei deu para uma cidade que se chama Qualecut... E uma sexta feira,

---

[1] A obra termina por um apêndice, em que se reproduzem informações a respeito da costa da Guiné, que actualmente existem em Munich, na Biblioteca do Estado, e foram enviadas em 1507 a Valentim Fernandes, livreiro alemão residente em Lisboa, por «Alvaro Velho, do Barreiro, que esteve alguns oito anos» naquela terra. Êste Álvaro Velho é o mesmo de que se fala no *Roteiro*, presume com tôda a plausibilidade o Dr. Hümmerich; e deve ter sido o autor desta obra, que ficaria interrompida na referência à passagem pelos baixos do Rio Grande, porque Álvaro Velho não acompanharia para Lisbôa os descobridores do caminho marítimo da India, mas deixar-se hia ficar naquela região, quer como agente comercial, quer por outros motivos.

que foram dezessete dias de maio [1], vimos uma terra alta, a qual havia vinte e três dias que não víramos terra, vindo sempre em estes dias com vento à popa» (p. 49-50 da edição de 1861).

Ora segundo Gaspar Correia, Vasco da Gama partiu de Melinde no dia da festa da Transfiguração do Senhor, isto é, a 6 de agôsto, e dali a vinte dias houve vista do Monte Dely, na costa da Índia (T. I, parte 1.ª, pág. 68).

Agora argumenta Ayala: «Se Vasco da Gama deixou Melinde a 24 de abril, não ha dúvida que escolheu exactamente o tempo dos maiores ciclones. A menos que não se quisesse admitir uma perfídia por parte do rei de Melinde, o que não é crível, não se compreende tão perigosa travessia para os portos de Malabar, que, como é notório, tornam-se quasi inacessíveis pelos bancos de areia que aí geralmente se formam e pelos rijos temporais que os açoutam... Gaspar Correia diz que Vasco da Gama permaneceu três meses em Melinde e que daqui partiu a 6 de agôsto, chegando a Calecut a 26 do mesmo mês. Isto não é só plausível e conforme aos usos da navegação nestes mares, mas é muito provável, se não certo, se tomarmos em consideração as boas intenções do rei de Melinde» (p. 8 e seg.).

Vejamos agora, em resumo, os argumentos com que o Dr. Hümmerich rebate esta impugnação do *Roteiro*.

1) O negociante florentino, Jerónimo Sernigi, que estava em Lisboa quando Vasco da Gama voltou da Índia, mandou logo dizer para a sua cidade natal: «E li

[1] A p. 54 lê-se: «E ao outro dia pela manhã, que foi uma segunda feira, vinte e oito dias do mês de maio» etc. Se na sexta feira foram 17, o dia 28 não podia caír à segunda feira, mas à terça. Vice-versa, se terça foram 28, o dia 17 foi uma sexta feira. O Dr. Hümmerich discute, a p. 66-68, os seis casos desta espécie, de que Ayala também se serve para contestar a autenticidade do *Roteiro*.

portogallesi stetono i dicta cita de Calichut da XIX di Magio fino XXV Agosto». Fonte de primeira mão, observa o Dr. Hümmerich, que invalida as considerações de Ayala e em nada é prejudicada pela diferença de um dia (19 de maio e 20 do mesmo mês).

2) Uma fonte oriental, independente desta, e do século XVI, a *História dos Portugueses no Malabar* por Zinadim (tradução do Dr. David Lopes), encerra esta notícia (p. 34): «A primeira vez que os frangues apareceram no Malabar foi no ano de 1498; e vieram a Pandarane no fim da monção da Índia». Isto é: quando ía começar a monção de sudoeste, a que produz os efeitos com que argumenta Ayala.

3) Um exemplo da travessia da África para a Índia, em 1506, no mesmo mês em que a realizou Vasco da Gama e quando já era conhecido o regimen das monções: «(Pero Barreto), atravessando de Melinde pera a Índia, passou aquele gôlfão em treze dias e chegou à ilha de Angediva a dezoito de Maio do mesmo ano» (Castanheda, *História*, l. 2.º cap. 127).

4) Os limites da mudança das monções no Oceano Índico são bastante estáveis, mas pode haver deslocações que vão até quatro semanas e mais [1].

---

[1] O autor cita o *Handbuch der Geophysik* de Günther. Do *Handbuch der Klimatologie* de J. Hann, t. 1.º, p. 162 e segs., transcrevo estas palavras, relativas aos ventos do mar das Indias: «A monsão de sudoeste ou do verão, que traz consigo as chuvas, domina em todo o Oceano Índico, ao norte do equador. No inverno está aqui em vigor a monsão de nordeste, caracterizada na sua quási totalidade pelo tempo sêco. A passagem de uma monsão para outra realiza-se qnasi sempre nos meses de abril e de outubro... Em alguns anos o estado anormal da monsão de sudoeste (a interrução das chuvas, «breaks in the rains») estende-se por uma grande parte do estio, de modo que a monsão tarde ou só por pouco tempo atinge o seu desenvolvimento. São os anos de esterilidade para uma grande parte da India, como os de 1876, 1877, 1880 e 1883».

5) Nestas condições, ¿não é natural que se metesse à travessia do Índico um homem tão enérgico como Vasco da Gama; que tantos perigos havia já atravessado; a quem não deviam atemorizar as informações dos marítimos árabes; que se via próximo do tão almejado termo da sua viagem; que em Melinde tinha vento favorável para a prosseguir, e que bem podia recear os perigos da prolongada demora de três meses nesta cidade, à espera de tempo seguro? (Cf. pág. 73-83).

É com esta abundância de razões que o Dr. Hümmerich contesta os argumentos que mais plausíveis parecem no opúsculo de Ayala.

Em nova edição do *Roteiro*, que por tantos títulos se impõe, poderão os *Studien* do Dr. Hümmerich prestar relevantíssimos serviços. O nome do ilustre erudito alemão ficará assim para sempre ligado a uma das fontes mais notáveis da história dos descobrimentos.